

## O EFEITO DO NOVO CURRÍCULO MÍNIMO/PLENO DA GRADUAÇÃO SOBRE O CURRÍCULO DA PÓS-GRADUAÇÃO(\*)

**VERA SILVIA M. BERAQUET**

Curso de Pós-graduação, Escola de Biblioteconomia  
PUCAMP  
Campinas, São Paulo

Considerações sobre o momento de transição por que passam as escolas de Biblioteconomia com a mudança de seus currículos de graduação; influência recíproca dos programas de graduação e de pós-graduação na última década e implicações imediatas dessa mudança para a pós-graduação.

Sabemos que várias escolas de Biblioteconomia, antecipando a decisão que seria formalizada pelo CFE em 19/09/82, vinham há algum tempo trabalhando algumas idéias inovadoras e experimentando mudanças em seus currículos de graduação. O momento é, pois, bastante oportuno para uma reflexão sobre o tema proposto neste nosso encontro.

Gostariamos de poder nos voltar basicamente para o programa de graduação a que estamos vinculados. Contudo, por razões de ordem administrativa da própria Universidade, a Faculdade de Biblioteconomia da PUCAMP não pôde introduzir nenhuma das mudanças planejadas e está praticamente dando início aos trabalhos de reformulação de seu currículo com a turma de calouros deste ano. Assim sendo, podemos adiantar que nossas colocações aqui, hoje, são necessariamente de natureza especulativa.

---

(\*) Trabalho apresentado durante o VII Encontro de Coordenadores de Cursos de Pós-graduação em Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, realizado no Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, dias 13 e 14 de junho, 1983.

Especular ou fazer previsões, de qualquer forma, é exercício positivo e parte integrante das atividades do educador e, principalmente, do planejador de currículo, que deve estar sempre procurando olhar mais longe do que pode normalmente enxergar.

Antes de olharmos à frente, todavia, seria interessante relembrarmos o início da educação formal do bibliotecário brasileiro. Geralmente são identificadas três grandes fases:

- 1º) de 1915 a 1929 (Curso da Biblioteca Nacional – influência/École de Chartes);
- 2º) de 1929 à década de 1950 (estabelecimento de vários cursos: Mackenzie, Campinas, Belo Horizonte, Curitiba, etc. – influência norte-americana);
- 3º) década de 1960 (reconhecimento legal como curso superior, aprovação do currículo mínimo e criação de mais dezenove escolas no país); a partir da década de setenta, uma quarta fase pode ser acrescentada no ensino da Biblioteconomia, com o estabelecimento dos cursos de pós-graduação (mestrado) na área (IBICT ou IBBD em 1970; UFMG em 1976; PUCCAMP em 1977; UnB em 1978 e UFPb em 1978).

Se fizermos a pergunta *quem influenciou quem* durante esses anos de convivência mútua, a resposta parece clara: a pós-graduação tem tido grande influência nas atividades das escolas de Biblioteconomia – muitos alunos dos cursos de mestrado eram professores da graduação que, após o término do curso, voltavam aos seus postos levando a estes uma nova abertura; as dissertações produzidas representavam parte significativa da literatura nacional na área que, desde há muito, fazia falta ao ensino; e, podemos dizer que essa influência foi sentida até mesmo no movimento final, que resultou na mudança do currículo mínimo de 1962.

Por outro lado, não podemos negar a influência da graduação sobre os programas dos cursos de mestrado, ainda que essa influência nem sempre tenha sido positiva. As necessidades e deficiências do antigo currículo de graduação têm levado a pós-graduação mais a sanar essas lacunas do que a cumprir seus próprios objetivos.

Assim, por exemplo, se os cursos de graduação têm adotado enfoques demasiadamente tecnicistas, temos procurado, nos cursos de mestrado, enfatizar teorias e princípios gerais; se o aluno que recebemos da graduação aprendeu a visualizar disciplinas estanques, na pós-graduação lhe tem sido oferecida uma visão mais integrada da área de informação como um todo; se ele desconhece a realidade social na qual interagem os serviços de transferência da informação, ele terá, na pós-graduação, oportunidade de refletir sobre o contexto onde irá atuar como profissional. O aluno deve receber, na escola, a base para a reflexão social de sua prática de trabalho. Pela nossa experiência em Campinas, isto tem acontecido até certo ponto, durante os cursos e, em maior escala, durante o desenvolvimento do trabalho de pesquisa ou pesquisa-ação, como vem sendo ultimamente denominada por professores e alunos.

Penso que sabemos, todos nós, quanto nos custa este trabalho de *recuperação* ou de *fazer a ponte* com o aluno que vem diretamente da graduação para o mestrado. Frequentemente ouvimos de alunos queixas de que o curso “está muito difícil”, “o esquema é muito diferente da graduação”, “não dá para acompanhar”, etc. Será que exigimos desse aluno um conhecimento que a graduação não ofereceu? Será que deveríamos não aceitar o aluno vindo diretamente da graduação, sem um período mínimo de experiência profissional? Neste caso, que garantias teríamos de que o trabalho prático iria realmente colaborar para sua formação, e não prestar-lhe um desserviço? À medida que levantamos estas e outras questões, fica claro o inter-relacionamento da pós-graduação com a graduação.

As falhas comumente atribuídas ao antigo currículo da graduação — o tecnicismo estéril, a desvinculação do currículo da realidade social, a falta de tradição em pesquisa de professores e alunos, etc. — parecem ter sido levadas em consideração por aqueles que elaboraram a proposta do novo currículo.

Há motivos para crermos que essas mudanças terão efeitos positivos no currículo da pós-graduação. Antes, porém, de analisarmos esses efeitos, cabe a indagação: *Haverá, realmente, efetiva mudança no currículo da graduação?*

Poderá haver mudanças de títulos e cargas horárias de disciplinas, redistribuição ou mudanças de conteúdo, inclusão ou eliminação de pré-requisitos e disciplinas, sem que haja mudança real de currículo.

Aliás, deve ficar claro que não mais se aceita, atualmente, o conceito tradicional de currículo como sendo *um grupo de matérias ou áreas que constituem um plano de estudos*. Ele é o elemento de controle da ação educativa, que inclui não só as atividades de aprendizagem, como também todas as experiências e situações estimuladoras do desenvolvimento do indivíduo.

Ele não pode mais ser definido pela sua elaboração formal e normativa, mas sim e tão somente pela sua aplicação real no processo educativo, pela interação professor-aluno, aluno-aluno e aluno-escola.

Desta forma, é importante, acima de tudo, a mudança de mentalidade e de atitudes de diretores, alunos e, principalmente, de professores.

É, sem dúvida, de grande interesse para os cursos de pós-graduação que as escolas de Biblioteconomia consigam reformular seus currículos de graduação de acordo com os objetivos propostos.

Portanto, penso que, de imediato, os cursos de pós-graduação deveriam apoiar os trabalhos de elaboração da nova estrutura curricular da graduação, buscando alternativas e soluções para as atuais dificuldades, a fim de que possam, a médio e longo prazos, beneficiarem-se dos efeitos dessa mudança.

De que forma poderíamos auxiliar é assunto a ser debatido neste nosso encontro. Algumas dificuldades foram colocadas pelas próprias escolas nos Seminários de Otimização do Ensino da Biblioteconomia, realizados em 28 e 29/11/82, em Recife. Alguns itens, tais como: *Desatualização dos docentes em relação ao novo currículo; Os docentes precisam de maiores conhecimentos sobre as técnicas de ensino; ... Será preciso mudar também a forma do ensino...*; *Há dificuldade na integração de docentes de outras áreas que ministram os conteúdos das matérias de Fundamentação Geral e Instrumentais*; nos indicam que os cursos de pós-graduação poderão desempenhar importante papel em identificar e atender as necessidades de capacitação docente em relação ao novo currículo.

Isto poderia ser feito não somente através do caminho formal do curso de mestrado, como também através do oferecimento de cursos de especialização e/ou extensão universitária e trabalhos de pesquisa.

Em relação a isto, temos em nosso curso de mestrado um projeto de pesquisa que se propõe a acompanhar, junto às nove escolas paulistas de Biblioteconomia, as atividades de implantação do novo currículo, com vistas, principalmente, aos seguintes pontos:

- a) apreensão da filosofia do currículo antigo; quais foram suas deficiências e efeitos percebidos tanto na vida profissional dos egressos do curso quanto no comportamento do corpo docente e na própria estrutura administrativa da escola;
- b) apreensão da filosofia do novo programa e dos critérios empregados na reformulação curricular (análise da sociedade e cultura locais, estudo sobre os alunos, objetivos da escola e da instituição onde está situada, etc.);
- c) identificação das expectativas dos corpos docente e discente de cada escola em relação ao novo currículo mínimo, tentando também isolar as variáveis que irão influir na concretização dessas expectativas e na possibilidade de o programa ser implantado de forma satisfatória.

Para finalizar, poderíamos resumir nossa linha de pensamento da seguinte forma: se o novo currículo for implantado na forma em que está sendo idealizado, os efeitos certamente serão positivos. Não acreditamos em grandes mudanças mas, pelo menos, elas irão facilitar o trabalho desenvolvido a nível de pós-graduação. Como disse um novo professor, "vai diminuir a distância — o aluno não mais virá da lua..."

É chegado o momento de repensarmos a pós-graduação tendo em vista essas mudanças e, ao mesmo tempo, temos que refletir sobre o que podemos fazer em relação às dificuldades e questões levantadas, para a efetiva implantação de um currículo mínimo/pleno realmente novo.

*Comunicação recebida em 21.10.83*

## VERA SILVIA BERAQUET

### **Abstract**

**The effect of the new core/full curriculum of undergraduate studies in Librarianship on the curriculum of graduate studies.**

Considerations about the changes in Brazilian Librarianship undergraduate programmes', brought about by the introduction of a new core curriculum, officially approved by the Federal Council of Education of the Ministry of Education and Culture, CFE/MEC, last year. Implications of these changes on the existing postgraduate programmes.